

CONSIDERAÇÕES SOBRE A PRODUÇÃO E TENDÊNCIA DA GEOGRAFIA PARANAENSE NO XI SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

Edivaldo Lopes Thomaz¹
Marquiana de Freitas Vilas Boas Gomes²

RESUMO: Este ensaio tem por objetivo apresentar a produção da geografia paranaense no XI Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada. Buscou-se avaliar, de maneira geral, a tendência dessa produção de acordo com as universidades paranaenses participantes no evento, sendo que a geografia paranaense contribuiu com 10,1% do total de trabalhos do evento (67 trabalhos). Verificou-se que as universidades paranaenses têm produzido estudos diversificados na área de Geografia Física, especialmente, na área de Análise Ambiental (35,8%). Em seguida, aparecem dois setores clássicos, Geomorfologia e Climatologia com 23,8% e 16,4% dos trabalhos respectivamente. Considera-se que há uma tendência de abordagem, denominada Análise Ambiental, dominante no interior da Geografia Física paranaense. Essa tendência é a mesma verificada na produção da Geografia Física brasileira.

Palavras-chave: Geografia Física, Geografia Aplicada, Geografia Paranaense.

CONSIDERATIONS ON THE PRODUCTION AND TREND IN THE PARANAENSE GEOGRAPHY AT THE XI BRAZILIAN SYMPOSIUM OF APPLIED PHYSICAL GEOGRAPHY

ABSTRACT: This essay has as its aim to present the paranaense Geography production at the XI Brazilian Symposium of Applied Physical Geography. Moreover, it searched to evaluate the trend of this production in accordance with participant universities at the event. The paranaense Geography contributed with 10,1% of the total of event works (67 works). It was verified that the paranaense universities have produced diversified studies in the Physical Geography field, especially in environmental analysis (35,8%). Following that, we have two classic study sectors, Geomorphology and Climatology with 23,8% and 16,4% respectively. It was observed that there is an approach trend called environmental analysis that is in the core of the paranaense Physical Geography. This trend is the same of that one verified in the Brazilian Physical Geography production.

Keywords: Physical Geography, Applied Geography, Paranaense Geography.

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento da Geografia no Estado do Paraná tem sido realizado por vários pesquisadores de diferentes instituições. Dentre eles, destacam-se aqueles

¹ Professor Adjunto do Departamento de Geografia da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO. Endereço: Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO, Centro Politécnico, Rua Simeão Camargo Varela de Sá, 03 - Cx. Postal, 3010. Fone/fax: (042) 3629-8100, Ramal 261. CEP.: 85.040-430 - Guarapuava-PR. E-mail: ethomaz@brturbo.com.br. Durante a realização deste trabalho o autor contou com o apoio do CNPq.

² Professora Assistente do Departamento de Geografia da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO. Doutoranda em Geografia pela UNESP, campus de Presidente Prudente-SP. Endereço: Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO, Centro Politécnico, Rua Simeão Camargo Varela de Sá, 03 - Cx. Postal, 3010. Fone/fax: (042) 3629-8100, Ramal 261. CEP.: 85.040-430 - Guarapuava-PR.

vinculados às unidades de ensino superior, sejam elas públicas ou privadas. Manter a produção geográfica nestes segmentos é de extrema importância, não só para a ciência geográfica de uma maneira geral, mas, sobretudo, para a consolidação dos cursos de graduação e pós-graduação em Geografia no Estado.

É neste contexto que propomos apresentar, em linhas gerais, a produção geográfica paranaense no XI SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 2005 (SBGFA). O evento foi realizado na cidade de São Paulo entre os dias 5 a 9 de setembro de 2005, e por se tratar de um evento periódico da geografia, no contexto das pesquisas referentes a uma de suas áreas, denominada Geografia Física, evidencia a natureza da pesquisa nas instituições de ensino superior do Paraná, bem como as influências recebidas pela produção geográfica nacional e suas relações com as tendências da Geografia.

O evento foi organizado pelo Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, com a temática “Geografia, Tecnociência, Sociedade e Natureza”; diversidade que representa a própria natureza da Geografia Brasileira.

Assim, o objetivo deste ensaio é: 1) verificar a produção da Geografia Paranaense nesse evento; 2) avaliar de maneira geral a tendência dessa produção de acordo com as universidades e pesquisadores paranaenses participantes no evento.

Para isso, os trabalhos foram analisados a partir dos seguintes critérios: a) presença de autor pesquisador vinculado à universidade paranaense, mesmo que o trabalho não fosse em território paranaense. Nesse caso, foi considerado como produção paranaense independente do pesquisador ser ou não o primeiro autor; b) pesquisas desenvolvidas por pesquisadores vinculados a universidades paranaenses e trabalhos desenvolvidos no território paranaense. No caso de vários pesquisadores autores, o trabalho foi creditado à instituição a que pertencia o primeiro autor; c) não foram considerados/identificados pesquisadores paranaenses que apresentaram trabalhos vinculados a outras instituições.

Este trabalho representa a opinião dos autores, e pode não ser a dos pesquisadores que produziram os trabalhos. Assim como, os trabalhos são apenas uma amostra particular da produção das universidades paranaenses verificadas num evento, ou seja, as observações aqui apresentadas estão circunscritas e devem ser consideradas neste contexto.

O QUADRO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DO PARANÁ CONFORME O XI SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

Foram apresentados 661 trabalhos, sendo 377 painéis (57%) e 284 comunicações (43%). Desse total, a Geografia paranaense participou com 67 trabalhos (10,1%). A Universidade Federal do Paraná apresentou a maior produção (20 trabalhos), seguido da Universidade Estadual de Maringá (17 trabalhos) e Universidade Estadual do Centro-Oeste Paranaense (9 trabalhos) (Tabela 1).

Tabela 1 – Produção da Geografia paranaense de acordo com as universidades.

Instituição	Números de trabalhos(%) do total	
UFPR	20	29,8
UEM	17	25,3
UNICENTRO	9	13,4
FECILCAM	5	7,5
UEL	5	7,5
Universidade Tuiuti do Paraná	5	7,5
CEFET	2	3,0
UNIOESTE	2	3,0
UEPG	1	1,5
UEMOE (União Educacional do Médio Oeste Paranaense)	1	1,5
Total	67	100,0

Fonte: XI SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 2005.

Os trabalhos com abordagem na Análise Ambiental predominaram na produção da Geografia paranaense (24 trabalhos) (Tabela 2). Em sua maioria, estes estudos pautaram-se no mapeamento da paisagem com objetivo de verificar riscos naturais, zoneamento, degradação, fragilidade e vulnerabilidade ambiental, entre outros.

Essa tendência também se confirmou na produção da Geografia Física no simpósio. Aliás, tal comportamento foi apontado por Suertegaray (SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 2005) quando da análise das tendências do ensino e pesquisa em Geografia no Brasil.

Em seguida, em termos de produção aparecem dois setores clássicos da Geografia Física com produção significativa: Geomorfologia e Climatologia com 16 e 11 trabalhos respectivamente. Enquanto que, temas como educação ambiental e ensino de Geografia Física mostraram-se incipientes.

Ao analisar a produção da Geografia em cada universidade, observou-se algumas tendências: a UFPR, que teve o maior número de trabalhos no evento, concentrou sua produção em duas áreas principais (Análise Ambiental e Climatologia); a UEM apresentou maior diversidade com estudos em Geomorfologia, Climatologia, Pedologia e

Análise Ambiental; sendo que sua produção geomorfológica caracterizou-se pelos estudos fluviais, principalmente, nos rios Paraná e Ivaí; a UNICENTRO apresentou trabalhos, sobretudo, na área de Geomorfologia, seguida de educação, Biogeografia e Análise Ambiental. A produção da Geomorfologia na UNICENTRO, diferentemente da verificada na UEM, se concentrou nos estudos de vertente.

Tabela 2 - Produção da Geografia Paranaense de acordo com a área.

Áreas	Número de trabalhos	(%) do total
Análise Ambiental	24	35,8
Geomorfologia	16	23,8
Climatologia	11	16,4
Biogeografia	5	7,5
Educação Ambiental	3	4,5
Hidrologia	3	4,5
Pedologia	2	3,0
Ensino	1	1,5
Outros	2	3,0
Total	67	100,0

Fonte: XI SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 2005.

Os trabalhos da UEL foram predominantes na área de Análise Ambiental. Na FELCICAM a produção destacou-se na área de Climatologia, voltada aos aspectos agrícolas, e Biogeografia. A Universidade Tuiuti do Paraná produziu, principalmente, estudos de mapeamento e Análise Ambiental em ambiente urbano.

As universidades paranaenses têm produzido estudos diversificados na área de Geografia Física, especialmente na área de Análise Ambiental e nos setores clássicos: Geomorfologia e Climatologia. As universidades que possuem curso de mestrado tenderam a apresentar estudos ligados aos seus programas e linhas de pesquisas, são os casos da UFPR, UEM e UEL. Entretanto, outras universidades que não possuem programas de pós-graduação tiveram importante participação na produção geográfica, notadamente a UNICENTRO, seguida da FECILCAM e Universidade Tuiuti do Paraná. O evento tendeu a representar a Geografia Aplicada de maneira ampla, indo além da proposta original do simpósio, de abranger a área de Geografia Física Aplicada.

DA NATUREZA DOS TRABALHOS APRESENTADOS NO EVENTO ÀS TENDÊNCIAS DE PESQUISA NA GEOGRAFIA FÍSICA

É importante notar que a Geografia paranaense, no que concerne a Geografia Física, quando analisada no conjunto das produções apresentadas no XI Simpósio, reflete o padrão da produção nacional. Por um lado, sob a abordagem ambiental, tem buscado fazer pesquisas dentro de uma perspectiva conjuntiva da natureza e sociedade; por outro, ainda mantém as especializações; mas estas, com novos enfoques espaço-temporais e, sobretudo, com aportes teórico-metodológicos cada vez mais abrangentes, cujas abordagens não deixam de considerar as transformações antrópicas em suas análises.

Essa tendência evidencia uma discussão já apontada por Suertegaray e Nunes (2001) sobre a natureza da Geografia Física na Geografia, na qual os autores questionam o futuro desta área da geografia diante das transformações ocasionadas em decorrência do avanço da tecnociência, bem como da “transfiguração da natureza”, dela decorrente. De acordo com os autores:

[...] Estas transformações dizem respeito ao contexto econômico e social contemporâneo, em que o desenvolvimento da ciência e sua relação direta com a tecnologia permitem perceber que, no estágio atual, a apropriação da natureza se produz, não só em escala macro. Também em escala micro esta recria a natureza, transfigura a natureza e sua dinâmica, exigindo não só novos métodos de trabalhar natureza e sociedade, mas também novas formas de conceber o que é natureza e o que é sociedade (SUERTEGARAY & NUNES, 2001, p. 16.).

Buscando refletir sobre estas mudanças, e a necessidade de novas concepções que melhor atendam a interpretação dos fenômenos geográficos na atualidade, os autores fazem uma analogia entre as pesquisas realizadas na Geomorfologia, uma das áreas clássicas da Geografia, e a necessidade de rever os posicionamentos teórico-metodológicos que oferecem suporte às análises geográficas.

Segundo eles, se antes, na Geomorfologia, prevaleciam as pesquisas em escalas mais amplas (regionais) com enfoques temporais morfogenéticos (tempo geológico), atualmente, têm sido valorizados os estudos locais e a perspectiva morfodinâmica (tempo histórico).

Tal fato, segundo os autores, pode ser explicado pelo processo de globalização que cada vez mais acelera o tempo, e faz com que a dinâmica global alcance o local, redefinindo os lugares. Intensos processos decorrentes do período técnico-científico-informacional que, segundo Santos (1996), dão novos significados aos lugares, conforme a sua densidade técnica, que quanto maior, melhor, atende as demandas da reprodução do capital. Estes processos impõem aos pesquisadores a necessidade de análise em múltiplas

dimensões nas escalas espaço-temporais. Assim, no lugar das perspectivas de espaço absoluto, o espaço relativo, e das perspectivas de tempo linear, o espiral.

O desenvolvimento técnico alcançado pela sociedade modificou as perspectivas temporais na medida em que alterou quantitativa e qualitativamente o território, pela capacidade de exploração e, conseqüentemente, de degradação da natureza que atingiu níveis antes impensáveis.

Este processo que vem intensificando os movimentos ambientalistas desde os meados do século XX, colocam em “xeque” valores que sustentam a concepção moderna de mundo.

A fragmentação do saber e a dicotomia natureza e sociedade, fundamentos basilares da modernidade, não permitem compreender a atual dinâmica da natureza, e com isso, novos elementos são necessários, sobretudo aqueles deixados de lado, como as questões econômicas, políticas, sociais e culturais.

É neste contexto, que o advento das questões ambientais teve um papel importante, pois ao problematizar a fragmentação do conhecimento científico e aguçar a busca por novos enfoques, trouxe para os estudos da natureza visões menos “naturalizadas” e mais “históricas”.

Embora estas questões dizem respeito à ciência de uma maneira geral e, portanto, extrapolam as discussões internas da Geografia, são de fundamental importância para que se possa pensar sob quais pilares estão emergindo os questionamentos acerca do estatuto da Geografia Física, sobretudo, das concepções cartesianas que embasaram o pensamento geográfico, desde a sua formação.

Suertegaray (2001) destaca que os trabalhos realizados pelos geógrafos fundadores da geografia expressavam uma concepção de homem externo a natureza. E nos seus primeiros momentos a geografia trabalhou mais com o conceito de comunidade que de sociedade.

Nos trabalhos desenvolvidos pelos geógrafos deste período predominavam uma concepção de tempo-espaço, separados, e a relação homem-natureza era imbuída de uma carga naturalista.

Esse processo não era estranho ao momento histórico vivenciado por esses geógrafos, uma vez que a institucionalização da ciência moderna, pautava-se nas concepções de Descartes; ou seja, natureza como objeto e homem como sujeito, sendo este último o dominador. Em nome do “progresso” essa era a concepção predominante, uma vez que a natureza hostil precisava ser civilizada.

Contudo, esses conceitos já não se sustentam, pois segundo Leff (2001) estamos vivendo uma crise planetária, uma crise da razão. O século XXI se inicia num contexto de profundas mudanças, a profunda crise da humanidade e da civilização. Concordando com as considerações deste autor, Mendonça (2002) afirma que:

[...] o final do século XX e início do XXI desafia a sociedade em geral a encontrar novos rumos para a construção do presente e do futuro. Aos intelectuais e cientistas demanda, de maneira geral, um repensar a ontologia e a epistemologia da ciência, a partir do questionamento dos paradigmas que sustentam a produção do conhecimento da modernidade. Aos geógrafos, impõe um profundo questionamento relativo ao estatuto da geografia contemporânea frente às novas dimensões do espaço e aos graves problemas sociais que se materializam na superfície terrestre (MENDONÇA, 2002, p.121 -122).

Segundo o autor, a crise ambiental questiona a modernidade, e no caso da geografia, a faz retomar os antigos debates com relação à dualidade entre geografia física e humana.

Mendonça (2002) afirma que a questão ambiental ultrapassa a desgastada discussão da dicotomia na geografia e coloca em discussão o encaminhamento metodológico mais adequado ao entendimento da realidade.

Segundo ele, a natureza não deve ser enfocada a partir de métodos específicos aos estudos da sociedade, assim a sociedade também não deve ser analisada a partir de métodos das ciências naturais, ainda que a abordagem da problemática ambiental parta de uma ótica social. Mas deve-se buscar um diálogo profícuo que possa melhor explicar o fenômeno estudado. Assim Mendonça (2002) aponta que:

[...] A natureza cambiante do mundo contemporâneo, e da intensidade da velocidade que o qualifica, impõem a necessária simultaneidade de novos olhares, novas técnicas e novas perspectivas sobre o objeto de estudo da geografia. Impõe, sobretudo a abertura das mentes para se criar o novo, o diferente, aquele que superará o estágio de dificuldades e limitações de apreensão do real que tão marcadamente ainda caracteriza o presente (MENDONÇA, 2002, p. 141).

Diante das contradições e das incertezas do mundo contemporâneo, a geografia passa por novos desafios, os de avançar nas suas leituras para uma interpretação mais adequada do espaço geográfico, que possa não só explicar os processos e fenômenos estudados, mas também desvendar as contradições da realidade coerente com a sua função social.

Para isso, verifica-se, pelos trabalhos apresentados no XI SIMPÓSIO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, que tem havido, por parte dos pesquisadores, um aprimoramento teórico-metodológico nas abordagens, bem como a inserção de tecnologias

que dão suporte as análises, destacando-se o volume de trabalhos que integram as técnicas de geoprocessamento, principalmente, o Sistema de Informação Geográfica (SIG).

Sobre isso, também é importante lembrar as considerações de Suertegaray e Nunes (2001) a respeito dos SIGs, pois, ao serem ferramentas que contribuem sobremaneira para a coleta, sistematização e produção de informações para tomada de decisões, devem estar a serviço do controle social sobre os usos da natureza e, não ao contrário.

Em suma, pode-se afirmar que a tendência dos trabalhos sobre a natureza na geografia, tradicionalmente conhecida como geografia física, a exemplo do que se observou no XI SIMPÓSIO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, tem se caracterizado por buscas constantes de aprimoramento no pensar e fazer pesquisa em Geografia.

Uma amostra disso está no próprio nome do evento, que nos últimos anos deixou de ser Simpósio de Geografia Física, para Simpósio de Geografia Física Aplicada, este acréscimo, a nosso ver, já indica uma característica contemporânea, a de responder aos processos intensos de degradação da natureza. Aliás, o evento tende a superar este último tema e incorporar num futuro próximo uma temática mais ampla, qual seja, Geografia Aplicada.

Outro dado a ser ressaltado está na temática do evento “Geografia, Tecnociência, sociedade e natureza”, por também colocar em debate questões que a muito ultrapassam a visão, antes predominante sobre a geografia física - cujo interesse estaria apenas em estudar os componentes bióticos e abióticos da natureza - e convidar os geógrafos pesquisadores a discutirem novos conceitos, métodos e técnicas que possam responder as novas configurações da natureza. Pois esta, “subordinada ao desenvolvimento técnico-científico que engendrou, por meio de novas tecnologias, novos tempos, promoveu uma transformação não só das formas como também dos processos naturais” (SUERTEGARAY, 2002, p. 161).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações aqui apresentadas buscam tecer algumas tendências verificadas no evento e, principalmente, levantar questões para aprofundar o debate. De fato pode-se considerar que há uma tendência de abordagem, denominada de forma genérica de Análise Ambiental, dominante no interior da Geografia Física brasileira.

Na década de 1970 pesquisadores brasileiros importaram da Europa métodos e técnicas de estudos integrados para pesquisa do meio ambiente, tais como: análise da

paisagem, geossistema, ecogeografia, geoecologia e outros. Entretanto, é necessário verificar quais são as características dessa perspectiva dominante. Observa-se, grosso modo, que há apenas continuidade de abordagens introduzidas há 30 anos, enriquecidas atualmente pelas análises realizadas através de geoprocessamento.

Os programas de pós-graduação no Paraná parecem seguir essa tendência (Análise Ambiental), uma vez que, os nomes dos programas são parecidos e o conjunto de disciplinas e ementas apresentam poucas variações. Provavelmente isto indique, de forma mais ampla, o que vem ocorrendo com a Geografia Física em diversos programas de pós-graduação em todo o Brasil.

De maneira geral, a Geografia Física continua descrevendo a paisagem (inventariando), agora com o suporte das geotecnologias. Por outro lado, propõe-se a ser um estudo aplicado. Contudo, parece estar deixando a investigação e explicação dos processos operantes na paisagem para as disciplinas físico-geográficas (Geomorfologia, Climatologia, Hidrologia, etc.). É possível um estudo aplicado sem o entendimento dos processos? Qual a capacidade explicativa e preditiva da abordagem aqui denominada de Análise Ambiental? A Análise Ambiental estaria representando o “novo” fazer Geografia Física?

Não se findou a dicotomia entre as geografias física e humana. Podemos caminhar para um outro conflito no campo da Geografia, surgirá uma dualidade diferente, qual seja, os profissionais que produzem conhecimentos que podem ser aplicados e os que não “produzem” (Geografia Aplicada e “Geografia não Aplicada”). Será que na atualidade os estudos aplicados (tecnológicos ou tecnociência), adquiriram um status de importância superior aos estudos básicos? Ou ainda, a Geografia Física tem um conteúdo mais aplicável do que a Geografia Humana? Essas questões podem ser verificadas nos editais dos órgãos fomentadores de pesquisa no Paraná e no Brasil (financiamentos públicos). À primeira vista os estudos aplicados ou de inovação tecnológica possuem mais recursos (tecnociência).

Além disso, em que medida essa tendência influenciará o ensino e a pesquisa em Geografia? Essas são as principais considerações e, sobretudo, questionamentos em relação às tendências da Geografia Física, verificadas no XI SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA.

REFERÊNCIAS

LEFF, H. **Epistemologia Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2001.

MENDONÇA, F. Geografia sócio-ambiental. In: MENDONÇA, F. & KOZEL, S. (Orgs.). **Elementos de Epistemologia da Geografia contemporânea**. Curitiba: UFPR, 2002. p. 121-144.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo; razão e emoção**. São Paulo: Anpur-Hucitec, 1996.

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 11, 2005. São Paulo. **Resumos**. São Paulo: Departamento de Geografia/FFLCH/USP, 2005. 254 p.

SUERTEGARAY, D. M. A. O atual e as tendências do ensino e pesquisa em Geografia no Brasil. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 11, 2005, São Paulo. **Conferência**. São Paulo: Departamento de Geografia/FFLCH/USP, 2005.

SUERTEGARAY, D. M. A. Espaço geográfico uno e múltiplo. **Revista Eletrônica da Geografia y Ciências Sociais**, 2001.

SUERTEGARAY, D. M. A. Tempos Longos... Tempos Curtos...na análise da natureza. Vitória - ES: **Revista Geografares**, n. 3, jun. 2002. p. 159-163.

SURTEGARAY, D. M. A.; NUNES, J. O. R. A natureza da Geografia Física na Geografia. São Paulo: **Revista Terra Livre**, n.17, 2001. p. 11-24.